

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BRENDA ESHILEY DE SOUSA OLIVEIRA

LITERATURA INFANTIL E ORALIDADE AFRO-BRASILEIRA COMO
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA OBRA *A*
ROLINHA E A RAPOSA, DE ELIO FERREIRA

TERESINA - PI
2025

BRENDA ESHILEY DE SOUSA OLIVEIRA

LITERATURA INFANTIL E ORALIDADE AFRO-BRASILEIRA COMO
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA OBRA *A
ROLINHA E A RAPOSA*, DE ELIO FERREIRA

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Estadual do Piauí – UESPI, como requisito
final para obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr.
Raimundo Silvino do Carmo Filho

TERESINA – PI
2025

BRENDA ESHILEY DE SOUSA OLIVEIRA

LITERATURA INFANTIL E ORALIDADE AFRO-BRASILEIRA COMO
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA OBRA *A
ROLINHA E A RAPOSA*, DE ELIO FERREIRA

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Estadual do Piauí – UESPI, como requisito
final para obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr.
Raimundo Silvino do Carmo Filho

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Silvino do Carmo Filho
Orientador– UESPI

Profa. Dra. Valdirene Gomes de Sousa
Membro – UESPI

Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho
Membro – UESPI

TERESINA – PI
2025

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho, primeiramente, a Deus, que em sua infinita bondade esteve ao meu lado em cada passo dessa jornada. Foi ele quem me fortaleceu nos momentos difíceis, me deu sabedoria para seguir em frente e me guiou com amor e proteção até aqui. Sem a presença de Deus em minha vida, nada disso seria possível.

Com o coração cheio de gratidão, dedico e agradeço à minha família, que sempre foi meu porto seguro. À minha mãe, meu exemplo de força, dedicação e amor incondicional, que nunca mediu esforços para me ver feliz e realizada. Sua coragem e apoio em todos os momentos foram fundamentais para que eu nunca desistisse. Ao meu pai, por todo o suporte, por acreditar em mim e sempre fazer o possível para que eu pudesse conquistar meus sonhos. E ao meu irmão caçula, companheiro de vida, que esteve ao meu lado com palavras de carinho e incentivo. Foram quase cinco anos de muita luta, desafios e obstáculos, mas a união e o amor da minha família fizeram toda a diferença. Passamos por momentos difíceis, mas sempre juntos, com fé e persistência, superamos cada um deles. Tudo o que conquistei até aqui é fruto desse amor, dessa parceria e do apoio incansável de vocês.

Essa vitória é nossa!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me conceder saúde, força e perseverança para superar os desafios ao longo desta caminhada. Sua presença foi essencial nos momentos de incerteza, renovando minha esperança e me guiando até aqui. Agradeço com todo o meu carinho à minha família, que sempre esteve ao meu lado com palavras de incentivo e gestos de amor. À minha mãe, pelo exemplo de dedicação e pelo apoio incondicional em cada etapa da minha vida. Ao meu pai, pela força, os conselhos e o suporte nos momentos mais difíceis. Ao meu irmão, por sempre torcer por mim.

Estendo minha gratidão ao meu professor orientador, Prof. Dr. Raimundo Silvino do Carmo Filho, que com sua experiência, paciência e olhar atento, me guiou durante este processo, oferecendo sugestões valiosas e contribuindo de forma significativa para a construção deste trabalho. Agradeço aos professores e às professoras do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí pela caminhada de formação.

A todos vocês, minha eterna gratidão!

“A paciência não é espera passiva, mas uma força que nos permite perseverar e superar.”

Rebecca Yarros, Fourth Wing

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo analisar na educação infantil, possibilidades de leitura da obra “A rolinha e a raposa” como estratégia pedagógica para a formação da identidade cultural afro-brasileira junto a crianças para a valorização da cultura oral do povo negro do Piauí. A escolha do tema justifica-se pela importância de valorizar a cultura oral do povo negro e de promover uma educação voltada para o reconhecimento da diversidade étnico-racial, conforme orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos uma revisão bibliográfica e análise bibliográfica e a aplicação de um questionário com duas professoras da Educação Infantil de uma escola pública municipal no município de Demerval Lobão-Pi). A fundamentação teórica baseou-se em autores como Stuart Hall (2003), ao abordar a construção das identidades culturais; Amadou Hampâté Bâ (2010), ao destacar a relevância da oralidade como forma de transmissão de saberes; e na própria BNCC (2017), que orienta para a inclusão da história e cultura afro-brasileira nas práticas pedagógicas. As respostas das docentes indicaram que a obra é reconhecida como uma importante ferramenta para o desenvolvimento da oralidade, o fortalecimento da identidade cultural e a promoção de valores como respeito, solidariedade e valorização das diferenças. As estratégias pedagógicas apontadas incluíram a contação de histórias, o uso de onomatopeias e rimas, a contextualização cultural da narrativa e o incentivo ao diálogo e à reflexão crítica. Conclui-se que a literatura infantil afro-brasileira, representada pela obra “A Rolinha e a Raposa”, oferece ricas possibilidades de trabalho em sala de aula, contribuindo para uma educação mais inclusiva e antirracista, capaz de fortalecer as identidades culturais das crianças desde os primeiros anos escolares.

Palavras-chave: Educação Infantil; Identidade Cultural; Oralidade; Literatura Infantil; Diversidade;

ABSTRACT

This Course Conclusion Work (CTC) aims to analyze in early childhood education, possibilities of reading the work “The Rollinha and the fox” as a pedagogical strategy for the formation of Afro-Brazilian cultural identity with children for the valorization of the oral culture of the black people of Piauí. The choice of the theme is justified by the importance of valuing the oral culture of the black people and promoting an education focused on the recognition of ethnic-racial diversity, according to guidelines of the Common National Base Curricular (BNCC). The research was developed through a qualitative approach, using as instruments a bibliographic review and bibliographic analysis and the application of a questionnaire with two teachers of Early Education of a municipal public school in the municipality of Demerval Lobão-Pi). The theoretical foundation was based on authors such as Stuart Hall (2003), when addressing the construction of cultural identities; Amadou Hampâté Bâ (2010), by highlighting the relevance of oral education as a form of knowledge transmission; and in BNCC (2017), which guides for the inclusion of Afro-Brazilian history and culture in the pedagogical practices.

Keywords: cultural identity; orality; early; childhood education; storytelling; Children's Literature;

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS-----	9
1 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL--	13
1.1 Contexto histórico da literatura infantil-----	13
1.2 Literatura Infantil no Brasil e no Piauí-----	17
1.3 Narrativa da Obra-----	19
2 ORALIDADE E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRAS NA LITERATURA INFANTIL-----	21
2.1 Oralidade-----	21
2.2 Identidade-----	24
3 APRENDENDO COM A PRÁTICA: ANÁLISE DOS DADOS SOBRE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS COM A OBRA A ROLINHA E A RAPOSA-----	28
3.1 Aspectos metodológicos-----	30
3.2 Análise do questionário-----	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	38
REFERÊNCIAS-----	40

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A infância é um período complexo, decisivo e delicado para a construção da subjetividade, da linguagem e da identidade cultural do sujeito. É nesse período que as crianças começam a desenvolver sua visão de mundo, a reconhecer suas origens e a formar valores que levarão por toda a vida. Diante disso, a escola como um dos principais locais onde se há contato com a literatura infantil, a mesma tem um papel fundamental como espaço de construção de conhecimento e de valorização da diversidade, sendo a educação infantil um campo propício para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que abordem as múltiplas identidades culturais presentes na sociedade brasileira.

A literatura infantil é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, desempenhando um papel significativo no contexto histórico, sobretudo, por refletir as concepções sociais, educacionais e culturais de cada época. Historicamente, a produção literária voltada para crianças tem atuado como meio importante na transmissão de valores, normas e conhecimentos, assim como a oralidade, a qual carrega o legado cultural, com tradições e contos passados de geração a geração. Desse modo, quando a literatura infantil é aliada a práticas de oralidade pode se tornar uma estratégia para promover o desenvolvimento integral das crianças, favorecendo não apenas as habilidades linguísticas, mas também a sensibilidade estética, a imaginação, a empatia e a valorização das diferentes culturas, bem como, na formação da identidade cultural da criança. Uma vez que oralidade é uma das formas mais antigas e significativas de transmissão de saberes, especialmente nas culturas africanas e afro-brasileiras.

Ao unir literatura e oralidade em sala de aula, é possível resgatar elementos da tradição oral, fortalecer vínculos culturais e abrir espaço para narrativas que historicamente foram silenciadas e invisibilizadas. Nesse sentido, o presente trabalho de conclusão de curso é um estudo acerca das estratégias pedagógicas utilizadas por professoras da educação infantil a partir da análise da obra *A rolinha e a raposa*, de Elio Ferreira, a qual aborda aspectos identitários, relacionados à cultura afro-brasileira e à oralidade, elementos importantes da cultura brasileira. Tendo como objetivo, analisar, na educação infantil, possibilidades de leitura da obra, sobretudo como estratégia pedagógica para a formação da

identidade cultural afro-brasileira para a valorização da cultura oral do povo negro do Piauí. A partir do problema de pesquisa: quais possibilidades de leitura da obra *A rolinha e a raposa*, como estratégia pedagógica na Educação Infantil para a formação da identidade cultural afro-brasileira e valorização da cultura oral do povo negro do Piauí? A escolha do tema surgiu tanto de uma motivação pessoal quanto de experiências práticas vivenciadas ao longo da minha formação. Acredito que este é um tema de grande relevância, pois a literatura infantil, além de promover o desenvolvimento da linguagem e da oralidade, é um recurso pedagógico potente na formação de valores, identidade e senso crítico nas crianças desde os primeiros anos escolares.

Minha afinidade com a leitura e o gosto pessoal por livros infantis também contribuíram para a escolha do tema, tornando o processo de pesquisa mais significativo e envolvente. Além disso, durante minha atuação em uma escola de educação infantil, tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de uma professora que fazia uso constante da literatura infantil em suas práticas pedagógicas. A forma como ela utilizava as histórias para ensinar valores, estimular a oralidade e promover o diálogo entre as crianças foi inspiradora e me despertou o interesse em aprofundar meus estudos nessa área. A obra *A rolinha e a raposa* foi escolhida por ser autoria do escritor, poeta e educador piauiense Elio Ferreira e por apresentar uma narrativa baseada na tradição oral africana e afro-brasileira, rica em simbolismo, ensinamentos e valores sociais. Por meio de personagens e situações simbólicas, o autor convida à reflexão sobre temas como astúcia, sabedoria popular, coletividade, respeito às diferenças e resistência cultural, os quais são elementos essenciais para a formação de uma educação com apoio à diversidade desde a infância.

Para realizar tal trabalho, foram definidos os seguintes objetivos específicos: conhecer a obra *A rolinha e a raposa*, de Elio Ferreira, com destaque para os elementos literários e culturais que possibilitam a formação de identidade afro-brasileira na educação infantil; descrever o trabalho pedagógico realizado por professoras da educação infantil que envolvam oralidade e a leitura; identificar elementos da cultura afro-brasileira a partir da leitura da obra *A rolinha e a raposa*; apresentar possibilidades de utilização da obra *A rolinha e a raposa* como estratégia pedagógica na educação infantil. Tais objetivos específicos foram escolhidos para garantir uma abordagem teórica e prática que fortaleça a proposta deste trabalho. O primeiro objetivo, ao propor o conhecimento aprofundado da

obra, possibilita a identificação de elementos literários e culturais que favorecem e contribuem para a construção da identidade afro-brasileira.

O segundo objetivo, voltado para a descrição do trabalho pedagógico de professoras da educação infantil, com foco na oralidade e na leitura, tem por finalidade relacionar a pesquisa do contexto real da sala de aula, destacando como essas práticas contribuem para o desenvolvimento das crianças e para o fortalecimento de vínculos culturais e afetivos por meio da escuta, da fala e da interação com textos orais e escritos. O terceiro objetivo, ao propor a identificação de elementos da cultura afro-brasileira na leitura da obra, reforça a importância da representatividade cultural no ambiente escolar e implementa o cumprimento da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. A presença desses elementos na literatura permite que as crianças tenham contato com narrativas que valorizam sua ancestralidade e identidade.

Por fim, o último objetivo busca apresentar possibilidades práticas de utilização da obra *A rolinha e a raposa* como estratégia pedagógica, incentivando a adoção de propostas que articulem oralidade, leitura e identidade cultural. A pesquisa desenvolvida possui abordagem qualitativa, com características de pesquisa de campo, revisão bibliográfica e análise bibliográfica. Foi realizada em uma creche municipal localizada no município de Demerval Lobão – PI, escolhida pela facilidade de acesso e pela relevância do ambiente escolar para a temática abordada. Participaram do estudo duas professoras da Educação Infantil, ambas com formação e em pedagogia e cerca de sete (7) anos de experiência na pré-escola, etapa em que o trabalho com a literatura infantil é mais frequente. A produção dos dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário online, com questões abertas que possibilitaram compreender as práticas pedagógicas relacionadas ao uso da oralidade e da literatura infantil no cotidiano escolar.

Neste trabalho, optei por trazer as contribuições de Nely Novaes Coelho (2000); Regina Zilberman (1985) Stuart Hall (1992) e Amadou Hampâté Bâ (2010) por entender que suas ideias ajudam a refletir a importância da oralidade e da identidade cultural no contexto da educação infantil, sobretudo as reflexões de Hall e Hampâté Bâ. Hall discute como a identidade é construída por meio da cultura, da linguagem e da representação, o que tem relação direta com o papel da literatura infantil na formação das crianças. Já Hampâté Bâ valoriza a tradição oral como forma de manter viva a memória e os saberes de um povo,

o que nos faz pensar no quanto é importante trabalhar com histórias contadas, lidas ou ouvidas em sala de aula. Por isso, esses autores foram fundamentais para sustentar a proposta de que a oralidade e a literatura são estratégias pedagógicas que fortalecem a diversidade e o pertencimento cultural desde a infância.

Com base nesse estudo, podemos visualizar a importância e destacar o papel da literatura infantil e da oralidade como estratégia pedagógica, que são capazes de promover o desenvolvimento integral das crianças, incentivando o reconhecimento das próprias origens, a valorização da cultura afro-brasileira, bem como, o respeito à diversidade, visto que, ao trazer uma narrativa baseada na tradição oral, a obra analisada possibilita a criação de práticas educativas que resgatem saberes ancestrais e fortaleçam vínculos culturais desde a infância.

1 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

O presente capítulo apresenta o contexto histórico do surgimento da literatura infantil, destacando sua origem, transformações e importância enquanto instrumento educativo e formativo para crianças. A literatura infantil passou por diversas fases ao longo dos séculos, passando de funções meramente moralizadoras de um ideal de sociedade para uma importante ferramenta cultural e como estratégia pedagógica para o desenvolvimento de valores, identidades e desenvolvimento da infância.

1.1 Contexto histórico da literatura infantil

A literatura proporciona aos educandos uma compreensão mais profunda tanto da complexidade de sua realidade quanto da sensibilidade que os textos literários transmitem. Isso é alcançado por meio de seu efeito estético e artístico, que permite a exploração de uma variedade de sentimentos. Assim, a literatura se torna uma ferramenta essencial no processo de aprendizagem, pois vai além da mera transmissão de informações. Ela alimenta a mente, o coração e a alma. Coelho elucida de forma mais precisa o conceito de Literatura:

Literatura é arte, é um ato criador que por meio da palavra cria um universo autônomo onde os seres, as coisas, os fatos, o tempo e o espaço, assemelham-se aos que podemos reconhecer no mundo real que nos cerca, mas que ali - transformados em linguagem – assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo de ficção. (Coelho, 1980, p. 23)

No entanto, apesar da valorização e da diversidade literária existente atualmente, a literatura voltada para o público infantil teve um desenvolvimento tardio em comparação com a literatura destinada a adultos. Durante muitos séculos, as histórias e narrativas eram em sua maioria destinadas para os adultos, refletindo as preocupações e os interesses da sociedade da época. As crianças eram frequentemente vistas como adultos em miniatura, e suas experiências e necessidades específicas não eram consideradas relevantes para a produção literária. Essa demora na criação de uma literatura específica para crianças reflete uma visão mais ampla sobre a infância e a educação, que só começou a se transformar com o tempo:

A literatura para crianças e jovens expande-se como gênero literário a partir do momento em que a infância passa a ser considerada não apenas uma faixa etária diferenciada, mas também um período da existência com características singulares, que requer cuidados especiais e atendimento particularizado (Zilberman, 1985, p. 98).

As crianças de antigas sociedades, como europeias, medievais e modernas antigas, não recebiam atenção, cuidados e proteção com seus aspectos físicos, intelectuais e educacionais, sendo consideradas como adultos em miniatura. Foi a partir da ascensão da burguesia, o qual representa um processo histórico em que a classe social burguesa, formada principalmente por comerciantes, banqueiros, donos de manufaturas e depois industriais ganhou força econômica, social e política, principalmente a partir do final da Idade Média e durante a Idade Moderna, que a criança recebeu outro olhar acerca de sua função na sociedade, passando a ser percebida de modo diferente do adulto. No início do século XVII, a única literatura destinada às crianças eram livros que ensinavam princípios e hábitos e isso as ajudava a enfrentar a realidade social. Neste período, elas eram vistas como pequenos adultos com as mesmas obrigações e valores de adultos, sendo que, crianças ricas já liam grandes clássicos da literatura infantil, enquanto as crianças das aldeias liam fábulas e contos folclóricos de sua região (Oliveira, 2017).

Para Peter Hunt (2010, p. 316): “O surgimento da literatura infantil coincide com o desenvolvimento da ideia de infância como uma fase distinta da vida, merecedora de atenção especial e cuidados adequados”. Nesse contexto, foi em meados do século XVIII que a literatura destinada às crianças surgiu, em razão da nova concepção de infância da época, onde as mesmas passaram a participar mais ativamente da vida social, de modo que a criança passou a ter atribuída a si uma maior preocupação com sua disciplina e moral. Entretanto, tais preocupações ainda se destinavam às expectativas de um futuro adulto sobre a criança, onde ela deveria, sobretudo, ser ensinada a seguir os padrões da sociedade.

Desse modo, a valorização da criança na família não foi manifestada da mesma forma nas diferentes classes sociais, houve um maior aprofundamento na classe burguesa. Como observa Regina Zilberman (1982), na família burguesa, com o afastamento das amas de leite, a figura materna exerceu um papel mais presente na vida das crianças, promovendo assim uma maior privacidade e uma diferenciação da infância da idade adulta e, conseqüentemente, um isolamento da criança, em razão da superproteção que nesse

momento as famílias destinavam aos seus filhos. Enquanto que, na classe operária, houve a necessidade de criar uma figura de trabalhador, incorporado à família, visto que os adultos não cuidavam das crianças, tendo sido um processo lento de valorização das mesmas.

A literatura infantil surgiu, então, no século XVII, com Fenélon (1651-1715), justamente com a função de educar, moralmente, as crianças. As histórias possuíam uma estrutura maniqueísta, dividindo as personagens em belas e feias, boas ou más, entre outros, com o intuito de enfatizar quais comportamentos deviam ser desprezados e aprendidos, de modo que as histórias eram passadas por gerações e gerações, a partir da perspectiva de que o herói ou a heroína tem de enfrentar grandes obstáculos para vencer o mal. Tais aspectos facilitam a compreensão da criança sobre condutas que devem ou não ser utilizadas no convívio social. Nesse viés, a literatura infantil constitui-se de fato como um gênero, em meio às transformações sociais e artísticas da época.

Ainda no século XVII, em 1697, os contos de fada, conhecidos atualmente, surgiram na França, com Perrault, que editou as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando conteúdos de caráter libidinoso e violento. Assim, acredita-se que, antes do cunho pedagógico, houve o objetivo de leitura e contemplação pela mente adulta. Já no século XIX, a literatura infantil começou a ganhar destaque, sendo elencada pelas diversas mudanças sociais e educacionais da época, as quais passaram a valorizar a infância como uma fase única e importante do desenvolvimento humano. Nesse cenário, autores como Lewis Carroll e os irmãos Grimm iniciaram a criação de obras que não apenas divertiam e entretinham, mas também tinham teor educativo, reconhecendo, dessa forma, a importância de contar histórias que falassem, diretamente, ao universo infantil.

Na contemporaneidade, a literatura infantil evoluiu para abordar uma variedade de temas, oferecendo não apenas entretenimento, mas também educação e reflexão sobre questões importantes. Aborda temas relacionados à diversidade, inclusão, questões ambientais, resolução de conflitos, desenvolvimento emocional, identidade pessoal, amizade, família, aventura, fantasia e ciência. Os autores estão cada vez mais preocupados em criar histórias que reflitam a diversidade do mundo e que possam ajudar as crianças a compreender e lidar com questões complexas. A literatura infantil é um recurso e estratégia importante a ser trabalhado na prática pedagógica da escola porque propicia à criança não só a curiosidade, mas também descobertas e interação entre o mundo real e imaginário.

Acredita-se que o uso da literatura infantil é um recurso essencial, principalmente, no que concerne às possibilidades advindas das histórias infantis. Nesta perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular, (Brasil, 2018, p. 42), pontua a importância de experiências com a literatura infantil:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (Brasil, 2018, p. 42).

É inegável a importância e os benefícios que o contato com a literatura proporciona ao desenvolvimento integral do ser humano. A criança que, desde cedo é apresentada ao mundo literário, terá muito mais benefícios em relação a diversos sentidos: ela aprende melhor, pronuncia melhor as palavras e se comunica melhor de forma geral. De modo que possuirá mais chances de potencializar o seu processo de desenvolvimento social e a sua criatividade, além de aumentar sua perspectiva em torno da cultura e do conhecimento, de modo a descobrir o mundo e a realidade que a rodeia. A presença da literatura infantil no contexto escolar, como já mencionado anteriormente, além de representar um estímulo forte à aprendizagem da leitura, proporciona novas e diversificadas vivências afetivas, além de reorganização das percepções do mundo.

Desse modo, para a literatura proporcionar navegação, aventura, criação é fundamental a mediação do professor como estimulador. Na educação infantil, a responsabilidade de apresentar às crianças o mundo literário é do professor, como um mediador do processo de ensino-aprendizagem. A literatura infantil, nesse contexto, será utilizada como recurso pedagógico, integrando a sua prática pedagógica. De acordo com Gregorin Filho (2012):

Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que se formem leitores da arte, leitores do mundo, leitores plurais. Muito mais do que uma atividade inserida em propostas de conteúdos curriculares, oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade. (Gregorin, 2012, p. 12)

Dessa forma, a importância da literatura infantil reside em seu poder de estimular a imaginação, promover habilidades linguísticas e emocionais, ensinar valores e moralidade, além de fornecer uma forma de escapismo e conforto para crianças em momentos difíceis. Portanto, a literatura infantil se revela como um elemento essencial na Educação Infantil, oferecendo inúmeras possibilidades para enriquecer as práticas educativas e promover o desenvolvimento integral das crianças nessa fase tão importante da vida.

1.2 Literatura Infantil no Brasil e no Piauí

A literatura infantil no Brasil enfrentou vários desafios em razão de sua origem, a qual estava fortemente ligada à uma educação moral e doutrinal. Durante muito tempo, a visão predominante era a de que as crianças eram “adultos em miniatura”, ou seja, deveriam ser educadas com base em valores rígidos e comportamentais, voltados para a formação de cidadãos “civilizados”. As produções literárias destinadas ao público infantil eram, na maioria das vezes, influenciadas por ideologias da classe burguesa europeia, refletindo os padrões de comportamento e moralidade da classe dominante.

De acordo com Zilberman (2005, p. 24): “[...] a literatura infantil brasileira surge tardiamente, [...] nos arredores da Proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações”. Esse período de mudanças significativas, como a abolição da escravidão, a independência e o avanço cultural, foi fundamental para o surgimento da literatura infantil no Brasil. Durante o final do século XIX e início do século XX, a literatura voltada para as crianças ainda era escassa no país, sendo influenciada, principalmente, pelas produções estrangeiras. Desse modo, as obras literárias lidas no Brasil eram textos de autores estrangeiros, como Andersen, Irmãos Grimm e Perrault. No entanto, apesar do grande peso cultural de tais obras, no Brasil, devido aos erros de tradução e afastamento linguístico, essas obras não se relacionavam com os leitores e não se articulavam com contexto social do país, uma vez que as obras não contribuíram para o desenvolvimento da percepção da identidade cultural do Brasil. Esse processo inicial causou problemas na construção da literatura infantil no Brasil.

Entretanto, à medida que a sociedade mudava, a literatura infantil também se transformava para atender às novas necessidades dos leitores infantis, isto é, passou a

desempenhar um papel mais ativo na formação de valores e visões de mundo e na identidade do país. No século XX, a literatura infantil desenvolveu-se gradualmente, acompanhando as transformações sociais e se adaptando à nova realidade do Brasil, livrando-se das influências europeias que não refletiam a realidade brasileira. Monteiro Lobato foi o grande precursor do desenvolvimento da literatura infantil, genuinamente, brasileira. Obras como “Sítio do Picapau Amarelo” foram importantes na inserção da fantasia, de críticas sociais e de elementos do folclore nacional.

A partir das Décadas de 1970 e 1980, surgiram novos autores, como Ruth Rocha e Ana Maria Machado, as quais enriqueceram a literatura infantil brasileira, abordando temáticas, como diversidade, direitos das crianças e cidadania. Ou seja, com o passar das décadas, a literatura infantil ganhou força e prestígio. Nesse período, ela também passou a refletir a pluralidade cultural do Brasil com a inserção de narrativas indígenas e afro-brasileiras. No Piauí, a literatura infantil desenvolveu-se de maneira mais significativa nas décadas de 1980 e 1990, a partir da ampliação de iniciativas culturais e publicações de obras que valorizam a identidade e a cultura regional. Um dos autores piauienses de destaque é Assis Brasil, (1942-2017), cuja produção tem diversas obras destinadas ao público infantil. Há outros autores piauienses que trabalham com obras infantis, como O.G. Rego de Carvalho, Da Costa e Silva, este é considerado como o maior poeta do Piauí.

Na contemporaneidade, é possível destacar o escritor Cineas Santos, cronista, educador e grande incentivador da leitura, cuja escrita é marcada pela reflexão sobre o cotidiano e a identidade nordestina. Em 2022, Elio Ferreira lançou a obra *A rolinha e a Raposa*, revelando uma veia infantil dentro de sua vasta produção literária. Em 2024, Josilene Neres lançou a obra *As três meninas*. No mesmo ano, Márcia Evelin lança *Assim eu conto a história de Anansi*. Esses autores e autoras formam uma nova geração de escritores preocupados com uma recepção infantil no Piauí.

1.3 Narrativa da Obra

Era uma vez uma Rolinha que fez o seu ninho na copa de uma árvore na beira do caminho, perto do rio. A Rolinha estava muito feliz e acariciava os filhotes, que haviam nascido na manhã daquele dia, quando apareceu uma raposa faminta. A Raposa viu a rolinha com os filhotes no ninho. Arregalou os olhos, balançou a cauda, pôs a língua para fora e lambeu os beiços.

Excerto de *A rolinha e a raposa*, Elio Ferreira

A obra *A rolinha e a raposa*, de Elio Ferreira, é uma fábula inspirada na tradição oral afro-brasileira e traz elementos culturais e valores que refletem a herança africana. Narrada em terceira pessoa, a história apresenta personagens que simbolizam características humanas e valores universais. A rolinha representa a inocência e a vulnerabilidade, retratando quem, mesmo em desvantagem, supera desafios com inteligência ou ajuda. A raposa, por outro lado, representa a astúcia e sagacidade, simbolizando aqueles que lutam pela sobrevivência. Já o canção, típico do folclore nordestino, é um pássaro valente que representa a coragem e a solidariedade, agindo como herói. A interação entre esses personagens reflete temas como a luta entre os valores morais e a necessidade de sobrevivência, a importância da justiça e o valor da solidariedade diante das adversidades.

A Rolinha, com os olhos cheios de lágrimas, deu um dos filhotes para a raposa. A Rolinha ficou muito triste. Foi aí que o canção apareceu. Ele se aproximava do rio para beber água fresquinha quando ouviu o choro da rolinha (Ferreira, 2022, p. 9).

O leitor é impactado de diversas maneiras no decorrer da narrativa, uma vez que a mesma combina elementos morais e lúdicos que prendem a atenção. Ao longo da narrativa, a história busca despertar emoções como empatia, suspense e curiosidade acerca dos desafios enfrentados pela rolinha e a interferência da raposa e do canção. O enredo tem início quando a raposa tenta enganar a rolinha, utilizando sua astúcia para tentar capturar os seus filhotes. Esse momento gera suspense e prende a atenção do leitor, que acompanha o

embate entre a esperteza da raposa e a vulnerabilidade da rolinha, a qual entrega um dos seus filhotes para a raposa, mesmo estando em segurança em cima de uma árvore. A situação da rolinha parece angustiante, em virtude da perda de um dos filhos e a possibilidade de perda dos demais, mas a entrada do canção na narrativa traz uma reviravolta.

Com sua inteligência e solidariedade, o canção intervém, aconselhando a rolinha a enfrentar o conflito com a raposa, dizendo-lhe que as raposas não poderiam subir em árvores. A narrativa é construída de forma linear e didática, mantendo a simplicidade e o dinamismo típicos das fábulas, enquanto conduz o ouvinte a refletir sobre os valores universais que ela transmite. A obra de Elio Ferreira também se insere na tradição oral, que é um elemento central das culturas africanas e afro-brasileiras. A transmissão de ensinamentos de geração em geração, muitas vezes por meio de parábolas e fábulas, é um meio importante de compartilhar sabedoria ancestral e valores coletivos. Ao utilizar a tradição oral afro-brasileira, Elio Ferreira resgata o papel das histórias como ferramentas de aprendizado, refletindo sobre identidade, resistência e os valores que são essenciais para a convivência e o fortalecimento das comunidades.

2 ORALIDADE E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRAS NA LITERATURA INFANTIL

O presente capítulo discutirá a oralidade e sua relação com a formação da identidade afro-brasileira na literatura infantil, abordando o conceito de identidade enquanto construção social, histórica e cultural. Parte-se da compreensão de que a identidade é formada a partir das experiências, referências simbólicas e narrativas que cercam o sujeito desde a infância. Nesse sentido, a oralidade, especialmente, a de matriz africana, é apresentada como uma importante ferramenta de preservação de saberes e de fortalecimento do pertencimento cultural. Ao ser incorporada na literatura infantil, torna-se uma estratégia pedagógica que contribui para a valorização da diversidade étnico-racial, para o reconhecimento das raízes africanas e para o combate ao racismo estrutural, permitindo que as crianças negras se vejam representadas e respeitadas em suas histórias e vivências.

3.1 Oralidade

Antes da invenção da escrita, os saberes, valores e tradições eram transmitidos oralmente, fortalecendo laços sociais e preservando identidades culturais. Entre as diversas tradições de oralidade no mundo, a africana se destaca por sua riqueza e complexidade, sendo essencial para a formação e preservação das culturas negras no Brasil. Segundo A. Hampâté Bâ:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África (BÂ, 2010, p. 168).

Nesse sentido, quando estudamos a história africana é necessário compreender que a mesma foi transmitida de geração em geração, sobretudo de forma oral, através da fala, dos cantos, dos rituais religiosos, das músicas e das histórias contadas pelos mais velhos aos mais novos. Isto é, significa que o conhecimento foi transmitido de “boca a ouvido”, de mestre a aluno, com muito cuidado, ao longo dos séculos. A. Hampâté Bâ defende que não

é possível compreender verdadeiramente a história e a cultura africanas sem valorizar a tradição oral. Tais conhecimentos não foram registrados em livros ou em documentos, mas vivem na memória das pessoas. Por isso, elas são chamadas de “grandes depositários”, pois carregam dentro de si a memória viva da África. São como guardiões da cultura e da sabedoria do seu povo.

Durante muito tempo, o conhecimento oral foi tido como inferior ao conhecimento escrito, os livros eram considerados os principais veículos de herança cultural do mundo. Pensava-se que os povos que utilizavam apenas a oralidade não possuíam conhecimento ou valor cultural. Entretanto, a escrita surgiu a partir da oralidade, pois, ao longo dos anos, o cérebro humano foi a principal fonte de conhecimento e a memória coletiva, visto que antes de escrever os seres humanos já falavam e se comunicavam entre si, de modo que os primeiros registros e as informações estavam nas memórias das pessoas e não no papel. Nesse sentido, é notório que a principal fonte de conhecimento da humanidade é o próprio ser humano, ainda que tal conhecimento passe através da memória ou da oralidade. Segundo A. Hampâté Bâ:

O testemunho seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale, o que vale o homem [...] O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individuais e coletivas e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra.” (Bâ, 2010, p. 169).

Em vista disso, é necessário compreender a oralidade como indispensável para o ser humano, sobretudo na transmissão do conhecimento. O valor da palavra está na relação entre a pessoa e o que ela diz. A palavra, seja falada ou escrita, representa um testemunho do que alguém viveu ou acredita. Na África, a cultura oral se destaca pela prática de contar e recontar histórias, preservando as antigas tradições e saberes ancestrais do povo. E para compreender melhor essa tradição oral, é necessário entender que, na visão africana, há uma conexão inerente entre o ser humano, a natureza, a vida e o mito, o sagrado e o profano, de modo que a oralidade é o instrumento que transmite uma visão de mundo. Para A. Hampâté Bâ:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial (Bâ, 2010, p. 170).

Para os africanos, o verdadeiro conhecimento não está necessariamente na escrita, apesar da mesma ser igualmente importante, revela-se daquilo presenciado e vivido pelo ser humano, bem como da palavra falada. As culturas baseadas na oralidade desenvolvem formas de pensamento e vivências bastante complexas, criativas e belas. Nessas culturas, a memória verbal é altamente valorizada, e a comunicação oral tem o poder de fortalecer os laços entre as pessoas, formando comunidades unidas. No Brasil, a oralidade representa uma das formas mais importantes de preservação e transmissão de valores de origens africanas. Em razão da diversidade étnica presente no país, a transmissão de saberes através da palavra falada é um recurso importante para os povos indígenas, negros e afro-brasileiros, em particular os que vivem em comunidades tradicionais. Tendo a oralidade como herança africana, grande parte da cultura brasileira foi transmitida através da fala, por meio de cantigas, rodas de conversas, lendas, contos, entre outros. No estado do Piauí, essa prática também faz parte da cultura, principalmente, nas comunidades rurais e quilombolas. Nessa visão, compreender a importância e a riqueza da tradição oral para a valorização da diversidade e para a formação de identidades é de suma importância, principalmente, quando aliada ao processo educativo, sobretudo na infância, fase da vida marcada pelo processo de formação do conhecimento e da identidade.

3.2 Identidade

Identidade pode ser compreendida como algo único e pessoal de cada pessoa, o que nos torna sujeitos singulares da sociedade, referindo-se, dessa forma, às características e valores de cada um. No entanto, ela também está relacionada ao pertencimento a grupos sociais maiores. Elementos como gênero, etnia, classe social, nacionalidade e sexo fazem

parte da construção da identidade e refletem as maneiras como as pessoas se reconhecem e se relacionam com o mundo. Nesse processo, as diferenças de gênero, de etnia, de classe, de cultura e de religião não devem ser vistas como fatores de exclusão, mas como expressões da diversidade cultural humana:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados e sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço (Castells, 2000, p. 23).

Esses marcadores sociais, como raça, gênero e classe, são formas de criar diferenças entre as pessoas, determinando seus lugares sociais. Para Stuart Hall (apud Fernandes e Souza, 2015), esses marcadores criam “unidades” que parecem naturais, como se “mulher” e “negro” fossem opostos de “homem” e “branco”, o que mostra como essas diferenças são construídas na sociedade. Essas diferenças afetam diretamente a formação da identidade, sobretudo de sujeitos negros, visto que a mesma se dá em um terreno social marcado por múltiplas camadas de exclusão. Etnia, classe, gênero e outros marcadores sociais não apenas definem experiências distintas, mas operam como mecanismos de manutenção das desigualdades históricas. Nesse contexto, ser negro não é apenas uma questão fenotípica, é carregar no corpo e nas trajetórias os reflexos de um sistema que constantemente tenta apagar, silenciar e inferiorizar o negro e seus descendentes. O legado da escravidão ainda ecoa nas estruturas sociais e institucionais, e isso afeta diretamente a maneira como a população negra é percebida e se percebe. Esse processo evidencia o que se denomina racismo estrutural, ou seja, a presença do racismo como parte do próprio funcionamento da sociedade, não restrito a ações individuais, mas incorporado às instituições, normas e práticas sociais que mantêm e reproduzem hierarquias raciais. Assim, compreender o racismo estrutural é essencial para entender como essas desigualdades persistem e se renovam, mesmo em contextos que se dizem democráticos e igualitários. Almeida (2018, p. 38) afirma:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que “ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes”(Almeida, 2018, p. 38)

Hall (apud Fernandes e Souza, 2015) também diz que a identidade se forma a partir dessas diferenças. Ou seja, quem somos depende de como nos diferenciamos dos outros. Assim, nossa identidade está sempre em construção, mudando com o tempo e com as relações que temos uns com os outros. Nesse sentido, é fundamental compreender que a identidade não é algo fixo, imutável ou essencialista. Pelo contrário, trata-se de uma construção histórica e social, marcada por processos contínuos de resignificação. A identidade é atravessada pelas relações de poder, pela cultura e pelas narrativas sociais que determinam quem tem visibilidade e quem é silenciado. Portanto, ela se forma na interação entre a pessoa e a comunidade, entre o modo como o sujeito se percebe e como é reconhecido socialmente. No caso da população negra, a construção da identidade está diretamente ligada à necessidade de enfrentamento das violências simbólicas e estruturais que historicamente foram impostas.

Desse modo, reconhecer as diferenças é essencial para compreender que não existe uma identidade única ou superior, mas múltiplas formas de ser e estar no mundo. Assim, trabalhar a identidade envolve também valorizar essas diferenças, promovendo o respeito, a inclusão e a equidade nas relações sociais. No ambiente educacional, por exemplo, refletir sobre identidade e diferença contribui para formar cidadãos mais conscientes, empáticos e preparados para conviver em uma sociedade mais justa e plural. É preciso compreender que a escola desempenha um papel central na formação de identidades e na reprodução ou transformação de valores sociais. Através do currículo, das práticas pedagógicas e das relações cotidianas, a instituição escolar pode tanto reforçar estereótipos e exclusões quanto atuar como espaço de resistência e valorização das diferenças. Nesse sentido, a educação para as relações étnico-raciais deve ser vista como uma prática transversal, que atravessa todas as áreas do conhecimento e se manifesta em atitudes, conteúdos e metodologias.

Historicamente, a cultura afro-brasileira foi invisibilizada nos espaços escolares, marcada por uma perspectiva eurocêntrica que silenciava as vozes e saberes africanos. Com

a promulgação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, abre-se um caminho para a construção de uma pedagogia antirracista e plural. A literatura infantil, nesse contexto, torna-se um recurso essencial para promover a valorização da cultura negra e desenvolver uma educação comprometida com a diversidade. A literatura tem papel relevante na denúncia de preconceitos, de discriminações, racismos e violações de direitos. Compreender a literatura como instrumento pedagógico é fazer do texto literário um mecanismo de formação humana:

A identidade étnica afro-brasileira é fruto de um processo histórico, cultural e social que envolve, sobretudo, resistência, reconstrução e valorização das raízes africanas presentes na formação do Brasil. No contexto da educação infantil, esse processo adquire uma relevância ainda maior, pois é nesse período que se formam as bases da autoestima, do pertencimento e da compreensão do mundo das crianças. Assim, estratégias pedagógicas que utilizam a literatura infantil e a oralidade tornam-se ferramentas potentes para contribuir com a construção de identidades afirmativas, especialmente entre crianças negras (Fernandes, 2014, p. 12).

A oralidade, característica marcante das culturas africanas e afro-brasileiras, aparece como um elemento pedagógico valioso e eficaz. Por meio da contação de histórias, dos mitos, lendas e provérbios, é possível trabalhar valores, promover o diálogo e fortalecer laços de pertencimento. A escuta e a partilha das narrativas tradicionais estimulam não apenas o desenvolvimento linguístico e cognitivo, mas também o emocional e social, possibilitando que a criança reconheça suas origens e se sinta representada. Diante do exposto, compreende-se que a construção da identidade é um processo dinâmico e socialmente condicionado, atravessado por relações de poder, discriminações históricas e processos de resistência.

No caso da população negra, a afirmação identitária envolve não apenas o reconhecimento de suas raízes, mas também a superação das marcas de exclusão impostas por uma sociedade ainda marcada pelo racismo estrutural. A escola, como espaço privilegiado de formação, tem um papel fundamental nesse processo, devendo promover práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e estimulem o respeito às diferenças. A literatura infantil e a oralidade, enquanto estratégias educativas, representam instrumentos potentes para a construção de uma educação antirracista e emancipadora. Assim, investir na

valorização das culturas afro-brasileiras desde a infância é essencial para a formação de sujeitos conscientes, críticos e capazes de transformar a realidade em direção a uma sociedade mais justa, plural e igualitária.

4 APRENDENDO COM A PRÁTICA: ANÁLISE DOS DADOS SOBRE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS COM A OBRA *A ROLINHA E A RAPOSA*

O presente capítulo apresenta as análises feitas a partir das respostas fornecidas por duas (2) professoras da educação infantil ao questionário elaborado para este trabalho de conclusão de curso. A obra *A rolinha e a raposa* foi utilizada como estratégia pedagógica pensando a formação da identidade afro-brasileira por meio de sua narrativa. Ao longo da proposta, alguns aspectos metodológicos foram adotados com o objetivo de colher as informações desejadas.

4.1 Aspectos metodológicos

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) configura-se como uma pesquisa qualitativa, com características de pesquisa de campo e análise bibliográfica. A pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos em seu contexto natural, valorizando as experiências e percepções dos sujeitos envolvidos. Nessa abordagem, há uma relação direta entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, o que permite maior coleta de dados e aprofundamento na interpretação deles. De acordo com Malinowski, (1984, p. 37), é necessário que: “O corpo e o sangue da vida real componham o esqueleto das construções abstratas”, ou seja, é preciso que o conhecimento acadêmico se alimente da vivência prática e concreta”. Já a pesquisa de campo foi utilizada como suporte essencial para a coleta de dados, possibilitando a observação direta do ambiente escolar e a escuta ativa das profissionais envolvidas.

Segundo Minayo, (2014, p. 57), a pesquisa de campo é o trabalho do pesquisador diretamente com a realidade, sendo imprescindível para captar as múltiplas dimensões do fenômeno estudado. A análise bibliográfica deu sustentação teórica ao trabalho, por meio de estudos já realizados sobre a temática da literatura infantil e da oralidade como estratégias pedagógicas, possibilitando o embasamento e a ampliação do olhar crítico sobre a prática educativa. De acordo com Minayo:

A pesquisa bibliográfica é fundamental para a construção do referencial teórico de qualquer investigação. Ela permite ao pesquisador conhecer o

estado da arte sobre o tema estudado e situar sua própria contribuição (Minayo, 2001, p. 34).

A pesquisa foi realizada em uma creche municipal, situada no município de Demerval Lobão, no estado do Piauí. A escolha por essa instituição deu-se, principalmente, pela facilidade de acesso por parte da pesquisadora, o que possibilitou uma maior proximidade com o campo de estudo e facilitou a comunicação com os sujeitos da pesquisa. A creche atende crianças da Educação Infantil e conta com turmas de diferentes faixas etárias, organizadas de acordo com os níveis estabelecidos pelas diretrizes da Educação Básica. Esse contexto é especialmente relevante para a investigação proposta, visto que o ambiente da creche proporciona vivências ricas em interações e práticas pedagógicas que envolvem a linguagem oral, a escuta, a contação de histórias e outras atividades relacionadas à literatura infantil. Além disso, a escolha de uma instituição pública permite observar as práticas pedagógicas no contexto da educação básica oferecida pelo município, contribuindo para uma análise mais próxima da realidade de muitas escolas públicas brasileiras.

Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras da Educação Infantil, especificamente da pré-escola (segundo período), por se tratar de uma etapa em que o trabalho com a literatura infantil se torna mais acessível e produtivo. Essa faixa etária é considerada um campo fértil para o desenvolvimento da linguagem oral, da imaginação e da criatividade, sendo, portanto, um ambiente propício para se investigar o uso da oralidade e da literatura como estratégias pedagógicas. As professoras convidadas, aqui chamadas de P1 e P2, são formadas em Pedagogia e atuam na área há cerca de 7 anos, especificamente na educação infantil. Essa experiência profissional contribuiu significativamente para a pesquisa, já que as docentes possuem conhecimento prático consolidado e vivências pedagógicas que enriquecem a análise.

A escolha por profissionais com esse perfil se deu pela intenção de compreender como a literatura infantil e a oralidade são utilizadas no cotidiano escolar, a partir da perspectiva de educadoras experientes, que lidam diretamente com as crianças e planejam suas atividades com base nas necessidades e interesses dos educandos. A técnica escolhida para a produção dos dados foi a aplicação de um questionário online, enviado às professoras. O uso do questionário se justifica pela praticidade e agilidade na coleta de

informações, especialmente considerando as limitações de tempo e deslocamento das professoras. De acordo com Gil (2008, p. 129), “O questionário é um instrumento de coleta de dados composto por uma série ordenada de perguntas que visam obter informações específicas sobre o objeto de estudo”. Quando aplicado de forma on-line, permite maior alcance e praticidade, além de facilitar o preenchimento por parte dos participantes

Desse modo, a ferramenta digital permitiu que as participantes respondessem às perguntas de forma autônoma, no momento mais oportuno de sua rotina, sem prejuízo ao funcionamento da instituição. O questionário continha perguntas direcionadas às suas práticas pedagógicas envolvendo literatura infantil e oralidade, com o objetivo de proporcionar aos docentes um caminho centralizado para expressar suas opiniões, descrever suas práticas e relatar experiências relacionadas ao uso da literatura infantil e da oralidade em sala de aula, bem como suas reflexões acerca do uso da obra *A rolinha e a raposa* como possibilidade de estratégia pedagógica. Essa forma de coleta de dados está alinhada à abordagem qualitativa da pesquisa, pois valoriza a subjetividade e a vivência dos sujeitos, promovendo uma compreensão mais aprofundada do fenômeno investigado. Os dados obtidos por meio das respostas foram analisados com base nos objetivos da pesquisa e confrontados com os referenciais teóricos previamente estudados.

4.2 Análise do Questionário

A primeira pergunta do questionário busca compreender de que forma as professoras trabalham a leitura e a oralidade em sala de aula. P1 respondeu que: “O município trabalha com o Programa do Instituto Alfa e Beto (IAB), toda semana temos um gênero diferente (lenda, poesia, quadrinhos, música, etc.). Fazemos uma leitura interativa, na qual os alunos são estimulados a interagir com o texto, fazer perguntas, comentários e compartilhar suas ideias, com o intuito de desenvolver a oralidade e a comunicação, além de produção textual coletiva tendo o professor como escriba. Também sempre extraímos dos textos as palavras-chave, para ressaltar os significados e promover a ampliação do vocabulário”. A P2 respondeu que: “A leitura é trabalhada na sala de aula, através da contação de história, reconto de história entre outras práticas de leitura. A oralidade é trabalhada logo após a contação de história e durante o reconto realizado pelos alunos. Através de perguntas pertinentes à temática da história.”

Pelas informações coletadas, pode-se observar que a P1 trabalha com mais enfoque no Programa do Instituto Alfa e Beto, proposto pelo município, utilizando diferentes gêneros textuais. Isso faz com que sua prática promova a leitura interativa, produção coletiva, teatro e exploração de vocabulário. A oralidade é incentivada por meio de perguntas, comentários e debates. A P2 trabalha com contação e reconto de histórias, não seguindo propriamente o programa. A oralidade aparece após essas atividades, por meio de perguntas temáticas relacionadas ao texto. Dessa maneira, ambas reconhecem a importância da oralidade como instrumento de aprendizagem. No entanto, a análise dos dados das duas professoras revela diferenças significativas nas práticas pedagógicas relacionadas à leitura e à oralidade na Educação Infantil, mesmo ambas atuando na mesma instituição.

A P1 destacou que suas atividades de leitura giram em torno do programa Alfa e Beto, proposto pelo município. Essa resposta evidencia uma prática bastante direcionada por um material estruturado, com foco específico na alfabetização por meio de métodos sistemáticos. O programa Alfa e Beto, de base fônica, tem como principal objetivo o desenvolvimento da decodificação e da leitura mecânica, o que pode limitar as possibilidades de exploração da literatura infantil com caráter lúdico, criativo e voltado ao desenvolvimento da oralidade espontânea. Em contrapartida, a P2 realiza atividades de leitura e oralidade através da contação de histórias, utilizando perguntas após a narração para estimular a participação das crianças. Essa prática demonstra uma abordagem mais interativa, que valoriza a escuta ativa, a construção de sentidos e a expressão oral.

Através dessas respostas, é possível perceber a presença de estratégias que favorecem o desenvolvimento da linguagem oral, da criatividade e da imaginação, aspectos fundamentais para a formação leitora na infância. As respostas evidenciam, ainda, como as práticas docentes podem variar mesmo dentro de uma mesma escola, sendo influenciadas tanto por políticas institucionais quanto pelas concepções individuais de cada professora sobre o ensino da leitura e da oralidade. Posteriormente, foi perguntado se as docentes percebem a leitura da obra *A rolinha e a raposa* como possibilidade de estratégia para promover a identidade afro-brasileira na educação infantil. Vejamos a resposta da professora P1: “Sim, começando com o contexto histórico. A obra retrata uma das histórias que o autor ouviu em sua infância, contada por pessoas mais velhas de seu convívio e mostra suas raízes indígenas e africanas. Vale destacar também a forma como a rolinha e o

cancão interagem entre si, revelando a importância da solidariedade e sua relação com a inspiração das crianças. Com isso, as crianças podem estimular a própria capacidade de resistência, construir valores e orgulharem-se de suas raízes”.

Vejamos, agora, a resposta da professora P2: “Sim, eu percebo. Eu acredito que a obra em questão abre um leque muito grande de possibilidades para trabalhar a identidade afro-brasileira na educação infantil, já que a obra é fruto das tradições orais afro-indígenas do autor. Além da inclusão de palavras de origem africana, como por exemplo a palavra: *muzenza*. Assim sendo, o docente pode explicar para os alunos a origem da fábula e a origem da palavra e seu significado. Pode trabalhar também a importância dos povos africanos na construção da identidade brasileira, bem como ressaltar suas contribuições na linguagem, na culinária, nos hábitos, dentre outras.”

As duas respostas evidenciam que ambas reconhecem a obra como ferramenta e possibilidade de estratégia para a valorização da identidade afro-brasileira, mas com ênfases distintas. A professora P1 foca sua abordagem na narrativa e nas personagens como símbolos de resistência, isto é, em atitudes e comportamentos das personagens, considerando aspectos de caráter emocionais, como emoções e reflexões críticas. Isso, segundo ela, estimula a consciência social desde a infância. Já a professora P2 destaca o conteúdo cultural e o vocabulário linguístico como meios de formação da identidade, ou seja, a mesma identifica os aspectos literários da obra como uma forma de fortalecer os vínculos das crianças com suas raízes culturais.

Partindo desse ponto, foi perguntado quais estratégias possíveis de leitura a obra poderia gerar. Para isso, propomos a ideia de identidade cultural afro-brasileira como fortalecimento das raízes das crianças. A professora P1 destacou que: “Começar destacando a importância da preservação da identidade cultural, contextualizar a obra dentro do folclore afro-brasileiro, explicando que é uma obra de origem africana, recontada no Brasil, em especial no nosso estado. Falar da importância da oralidade como meio de transmissão dessa história, passada de geração a geração, chegando aos dias de hoje, por meio do acesso da obra *A rolinha e a raposa*. Desenvolver desenhos, pinturas, modelagens e reconto da história, incentivando os alunos a criarem suas próprias representações dos personagens e da narrativa, incorporando outros elementos. Explorar canções e danças da cultura afro-brasileira que possam complementar a história e enriquecer a experiência dos

estudantes.” A professora P2, por outro lado, respondeu que: “Posso utilizar a contação de história, reconto de história, dramatização, projeto de leitura, sempre enfatizando o contexto da identidade afro-brasileira presente e marcante na obra.

Ambas as professoras apontaram estratégias diversificadas para trabalhar a obra em sala de aula, revelando focos e estratégias diferentes. A docente P1 considerou uma abordagem mais ampla, interdisciplinar e artística, que valoriza tanto a cultura afro-brasileira quanto a criatividade dos alunos em diversas formas de expressão. Por outro lado, a docente P2 aposta em práticas mais centradas na oralidade, leitura e dramatização, buscando o envolvimento dos alunos por meio da escuta ativa e da participação em atividades de encenação. As duas abordagens são válidas e complementares. Uma prioriza a vivência cultural sensorial e artística (P1), enquanto a outra reforça a dinâmica da oralidade e da dramatização (P2). Podemos, então, afirmar que as ações são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança e para a formação de uma consciência cultural e identitária. Pode-se notar, ainda, que as estratégias destacam a oralidade como ponto crucial de aprendizagem. A professora P1 destaca a obra como herança cultural, enquanto, a professora P2 considera a obra como prática pedagógica.

A terceira pergunta do questionário buscou compreender como essas atividades poderiam ser organizadas para incentivar a oralidade. A professora P1 respondeu que: “Contar a história com boa entonação, destacar as onomatopeias e rimas, destacar algumas palavras de origem africana presentes no texto e mostrar seus significados, promover diálogos e discussões, incentivando a expressão de ideias, sentimentos e opiniões sobre a história. Estimular a escuta atenta e o respeito pela fala dos colegas.” Já a professora P2 ressaltou que: “Através da contação da história, eu posso incentivar a oralidade, fazendo perguntas sobre a obra, no reconto, eles vão oralizar, recontando a história na percepção deles. Na dramatização, eles terão que verbalizar as falas das personagens, dentre outras possibilidades.”

Pelos dados coletados, é possível perceber a oralidade como prática pedagógica ativa. A primeira professora usa mais estratégias linguísticas e dialógicas; a segunda foca na participação por meio de reconto e dramatização. Nota-se semelhanças entre as respostas anteriores (questões 2 e 2.1). Em sua resposta, a professora P1 destacou práticas voltadas para os aspectos linguísticos e dialógicos, como a contação da história com boa entonação,

a valorização de onomatopeias e rimas, a explicação de palavras de origem africana presentes no texto e a promoção de diálogos, discussões e momentos de expressão de sentimentos e opiniões, além de estimular a escuta atenta e o respeito pela fala dos colegas. Essas ações contribuem para o enriquecimento do vocabulário, para o desenvolvimento da consciência fonológica e a construção de uma escuta ativa.

Já a professora P2, apontou as estratégias que favorecem à participação mais prática dos alunos, como fazer perguntas sobre a obra, incentivar o reconto da história com as próprias palavras e promover dramatizações, permitindo que as crianças assumam o papel das personagens e verbalizem suas falas. Essas ações valorizam a produção oral espontânea, o desenvolvimento da sequência lógica do discurso e a criatividade. Percebe-se que ambas as abordagens compreendem a oralidade como uma prática ativa, seja por meio da interação dialógica, seja pela participação prática e lúdica dos alunos. Por fim, a última pergunta do questionário buscou compreender de que maneira a leitura da obra impacta na formação das crianças e na valorização da diversidade na educação infantil.

A resposta da professora P1 foi de que: “Destacar que a rolinha e o canção são animais distintos, mas conseguiram mostrar de forma bem clara a importância da amizade, da solidariedade, entre outros valores. Explicar que vivemos em uma sociedade assim, com pessoas diferentes, cada um com suas origens e características, mas que devemos valorizar e respeitar a todos, pois cada um tem sua importância e seu valor na sociedade”. A resposta da professora P2 foi de que: “De várias maneiras, são inúmeras as possibilidades. Através dessa fábula, o professor poderá influenciar as crianças a irem além das questões da valorização da cultura afro-brasileira, os valores presentes na obra como: amizade, solidariedade, amor maternal, bondade, sagacidade, perspicácia, diversidade, dentre outros valores presentes no livro. O docente poderá mostrar aos alunos os valores inseridos na obra e contextualizá-los com o cotidiano deles, demonstrando como eles podem usá-los no seu dia a dia.”

Apesar do foco diferente em suas respostas, ambas veem a obra como instrumento ativo no desenvolvimento de valores e no respeito à diversidade. Da resposta da professora P1, é possível extrair metáforas da história, destacando o pensamento, os valores transmitidos na obra. Além disso, enfatiza as diferenças entre as espécies de animais, seus possíveis sentimentos e pensamentos, associa a vida dos animais à sociedade, de onde cada

pessoa alimenta suas características, sem eliminar suas origens distintas. Por isso, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade étnica. Na resposta da professora P2, podemos identificar o reconhecimento da obra *A rolinha e a raposa* como estratégia pedagógica que pode contribuir significativamente na valorização da diversidade cultural e na formação da identidade afro-brasileira. A professora P2 destaca que a obra pode oferecer inúmeras possibilidades pedagógicas para trabalhar a formação e a valorização da identidade afro-brasileira.

Ela ressalta a importância de contextualizar esses valores transmitidos pela obra, com o cotidiano das crianças, estimulando-as a aplicar tais ensinamentos em suas vivências diárias. Em conjunto, ambas as respostas reforçam o potencial da obra como uma estratégia pedagógica que vai além da leitura, promovendo reflexões sobre identidade, convivência e respeito às diferenças. Desse modo, com base nas respostas das professoras ao questionário, observa-se que a obra *A rolinha e a raposa* é percebida como uma estratégia pedagógica significativa na promoção da oralidade, da leitura e da valorização da identidade afro-brasileira na Educação Infantil, sobretudo do povo negro Piauí. As docentes reconhecem o potencial da literatura infantil para fortalecer vínculos com a cultura afro-brasileira, seja por meio da oralidade, herdada da tradição negra, seja pela presença de valores como solidariedade, diversidade e respeito às diferenças.

Em suas respostas, as professoras enfatizaram a utilização da obra *A rolinha e a raposa* como estratégia pedagógica, destacando seu uso didático em práticas de contação de histórias, extraindo onomatopeias, explorando a entonação da voz, bem como, o vocabulário de origem africana. Tais práticas dialogam com os ensinamentos de Amadou Hampâté Bâ, reforçando a importância do saber oral passado de geração à geração, de modo que essas possíveis práticas adotadas pelas professoras valorizam a tradição oral africana. Logo, trabalhar com uma obra de tradição oral africana, como *A rolinha e a raposa*, de Elio Ferreira, contribui para o fortalecimento das bases culturais das crianças do Piauí, sobretudo pelo acesso ao universo de histórias e de valores de matrizes culturais afro-indígenas. As respostas apontam também o diálogo com o pensamento de Stuart Hall, visto há uma preocupação das educadoras em utilizar a obra como uma forma de promoção da identidade e da diversidade.

Reconhecer as personagens da história, como a rolinha e o canção, como seres diferentes, estimula a convivência harmoniosa entre as crianças a partir de um olhar respeitoso da identidade e da diferença. De acordo com Stuart Hall (2003), a identidade cultural é um processo dinâmico, que se constrói ao longo da vida, a partir das experiências sociais, históricas e culturais de cada sujeito. As atividades propostas pelas professoras, ao proporcionar o contato com histórias de matriz africana, contribuem para o reconhecimento das múltiplas identidades presentes no contexto escolar, promovendo o respeito às diferenças e fortalecendo o senso de pertencimento. Ademais, as possibilidades de leitura da obra *A rolinha e a raposa*, como estratégia pedagógica na educação infantil, implementa os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no campo da experiência individual e coletiva, da escuta atenta, da fala, do pensamento e da imaginação.

As estratégias relatadas pelas professoras, como a contação de histórias, a valorização de vocabulário de origem africana, a promoção de diálogos e o incentivo à expressão de sentimentos e opiniões, são exemplos práticos de como a BNCC pode ser materializada no cotidiano escolar, por meio de propostas pedagógicas que estimulam o desenvolvimento integral das crianças. Isso evidencia o reconhecimento da literatura como uma ferramenta ativa na construção de subjetividades, autoestima e pertencimento cultural. Além disso, as atividades propostas estimulam o desenvolvimento da oralidade de forma lúdica e significativa, respeitando o tempo e as vivências das crianças. Nesse viés, a literatura e a oralidade se mostram aliadas essenciais na formação integral do aluno, colaborando não apenas com a aprendizagem da linguagem, mas também com o fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira e da valorização da diversidade. Diante da análise, é possível afirmar que as professoras demonstram um olhar sensível e atento ao papel transformador da literatura infantil e da oralidade na Educação Infantil. Suas práticas, ao dialogarem com teóricos como Amadou Hampâté Bâ e Stuart Hall, e ao atenderem às orientações da BNCC, evidenciam o compromisso com uma educação que valoriza a diversidade, promova a construção da identidade cultural e fortaleça as competências linguísticas das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo investigar, na educação infantil, as possibilidades de leitura da obra *A rolinha e a raposa*, do autor piauiense Elio Ferreira, como estratégia pedagógica para a formação da identidade cultural afro-brasileira para a valorização da cultura oral do povo negro do Piauí. Com base nos resultados encontrados, identifica-se que o objetivo foi alcançado. A análise dos dados coletados mostra que a obra apresenta possibilidades de estratégia pedagógica a partir de sua leitura para trabalhar a identidade cultural afro-brasileira do povo negro do Piauí.

No decorrer do processo de investigação e de exame dos dados, ficou claro que a literatura infantil, quando associada a práticas pedagógicas conscientes e intencionais, torna-se uma poderosa ferramenta na construção de saberes e no fortalecimento da identidade das crianças. As docentes entrevistadas demonstraram compreender a importância de trabalhar com textos que dialogam com a realidade cultural local, especialmente no que diz respeito à cultura africana, afro-brasileira e indígena, historicamente silenciadas e invisibilizadas nos espaços escolares. Por meio da leitura e da interpretação dos aspectos literários da obra, observou-se que elementos como: oralidade e identidade, a partir de ensinamentos transmitidos por meio de metáforas e as relações de solidariedade e resistência presentes na narrativa, contribuem no despertar das crianças e no interesse pela cultura.

De acordo com Amadou Hampâté Bâ, (2010), a oralidade é um meio fundamental de transmissão de conhecimentos, valores e tradições em diversas culturas africanas. Essa tradição oral não se perdeu no tempo e nem no espaço, ela sobreviveu nos descendentes de negros no Brasil, como Elio Ferreira. Elio Ferreira nasceu em Floriano, em 1955, no município de Floriano, região sul do estado. Sua obra, predominantemente poética, vem revelando diversas possibilidades de leituras e interpretações, provocando pesquisas nos campos da oralidade, da étnica, da cultura e da identidade negra. Quando obras como *A rolinha e a raposa* oferecem perspectivas como as observadas na presente pesquisa, isso fortalece a literatura, a leitura, o livro e o leitor.

Outro ponto importante, destacado durante a pesquisa, é que a leitura da obra *A Rolinha e a Raposa* pode ser um ponto de partida para a abordagem de temas mais amplos e, mesmo, universais, como respeito às diferenças, a alimentação da amizade, o cultivo da solidariedade e, também, o reconhecimento das raízes culturais do povo negro. Stuart Hall

(2003) afirma que a identidade cultural é um processo em constante construção, que se dá nas relações sociais e nas trocas culturais. Ao inserir a literatura afro-brasileira no currículo escolar, as professoras contribuem diretamente na construção da identidade brasileira, auxiliando as crianças a se reconhecerem como sujeitos históricos, pertencentes a uma cultura rica e diversa.

De fato, pode-se afirmar que a obra, enquanto narrativa de matriz afro-indígena do Piauí, é um recurso valioso para o desenvolvimento de propostas pedagógicas que envolvam oralidade, identidade cultural e valorização da história afro-brasileira. Seu uso em sala de aula proporciona não apenas momentos de prazer estético e lúdico, mas também oportunidades reais de reflexão, construção de sentido e formação de uma consciência crítica nas crianças. Por fim, destaca-se que a presente pesquisa contribui para reafirmar o papel fundamental da escola na valorização da cultura afro-brasileira, promovendo uma educação que reconheça e respeita as diferenças culturais, estimulando o protagonismo infantil e garantindo às crianças o direito de conhecer e valorizar suas origens. Através da literatura e da oralidade, é possível construir uma prática pedagógica transformadora, que ultrapasse os muros da escola e ecoe na vida e na identidade de cada criança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. 1. ed. São Paulo: Pólen Livros, 2018.

ALMEIDA, Claudeci de Paula de; ALMEIDA, Vitória Paula de. Importância da literatura no contexto da alfabetização. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS); Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), 2018.

CARMO FILHO, Raimundo Silvino do. A Ante-Humanidade do corpo negro na ficção de Oswald de Camargo. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, UFPI, 2024.

FERREIRA, Elio. A rolinha e a raposa: fábula do Piauí de tradições africanas e indígenas / Elio Ferreira; [ilustração Amaral]. Teresina, PI: Edição do Autor, 2022.

FERNANDES, Viviane Barboza; CORTEZ, Maria Cecilia; SOUZA, Christianem. Identidade negra entre exclusão e liberdade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 26 fev. 2016.

Hall, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade
Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO. História Geral da África. v. I - Metodologia e Pré-história, 1982.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. Amkoullel, O menino fula. 2ª. São Paulo: Palas Athenas, 2008.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. Amkoullel, o menino fula. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena, 2013.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Literatura infantil, a fantasia e o domínio do real. Teresina: UFPI, 2001.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Tópicos de literatura infantil e juvenil. 2011.

SILVA, Ediliz Aparecida Ferreira da. A literatura infantil como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da leitura de crianças em processo de alfabetização. Educação, 2018.

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a literatura infanto-juvenil.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

1 Como você trabalha a leitura e a oralidade em sala de aula?

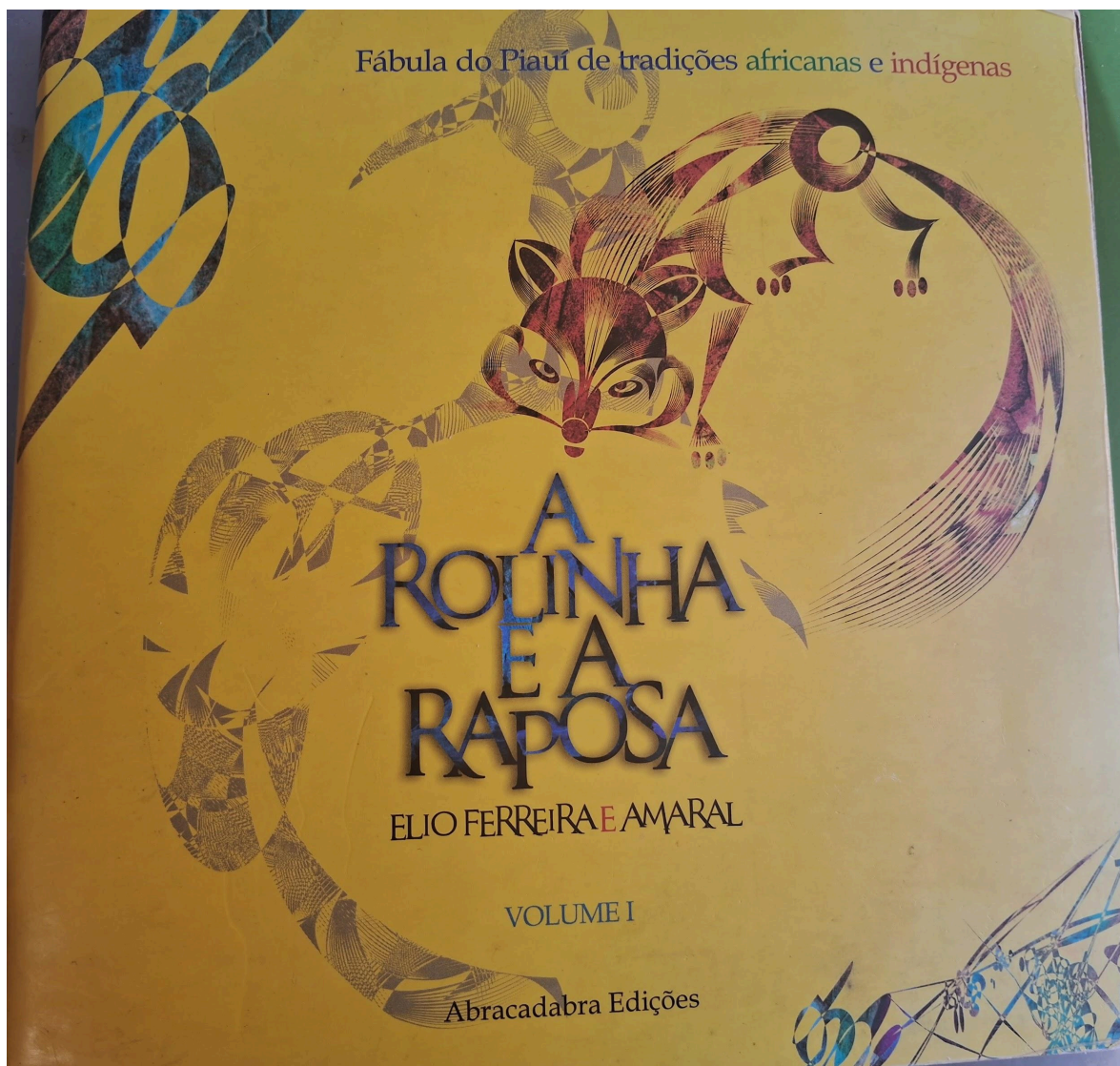
2 Você percebe a leitura da obra "A Rolinha e a Raposa" como possibilidade de estratégia que pode ser utilizada em sua prática pedagógica, de modo a promover o desenvolvimento da identidade afro-brasileira na educação infantil? Por quê?

2.1 Quais estratégias de leitura com essa obra você pode utilizar com esse propósito, ou seja, para a formação da identidade afro-brasileira nas crianças?

3 Como as atividades relacionadas à leitura da obra podem ser organizadas para incentivar a prática da oralidade entre os alunos?

4 De que maneira as possibilidades de leitura e reflexões geradas pela leitura de 'A Rolinha e a Raposa' podem impactar na formação das crianças sobre suas próprias identidades culturais e valorização da diversidade?

ANEXOS



Fonte: Acervo pessoal

NOTA DO AUTOR

A Rolinha e a Raposa é uma entre muitas outras histórias que ouvi contar na minha infância por homens e mulheres mais velhos da minha família e por pessoas amigas da minha casa, da minha rua, do meu bairro. Esta fábula era a nossa narrativa de iniciação, uma espécie de rito de passagem para quem entrava no círculo das crianças e adolescentes contadores de história. – “Conte pelo menos a história da Rolinha e a Raposa”, diziam para os iniciantes. A primeira vez em que ouvi essa história foi contada pelo Seu João Batista, um homem de mais ou menos cinquenta anos de idade, casado com Dona Antônia, pais de dez filhos, negros como éramos todos ou quase todos nós da periferia da Rua do Ouro, hoje Rua Fernando Marques, bairro Caixa D’água, em Floriano, no Piauí. Se não me falha a memória, a família Batista viera da Fazenda do Mato, povoação à distância de dezoito quilômetros de Floriano. Migrou para a cidade pois os filhos estavam na idade escolar. Veio morar numa casa humilde, defronte à minha. Na porta da minha casa, havia duas figueiras antigas. Quase todas às noites, lá estávamos nós, crianças, adolescentes e alguns adultos na calçada da minha casa, contando e ouvindo histórias de “assombração”, encantamento, fábulas, mistério. Enquanto isso, o meu pai ouvia as notícias da cidade grande no seu rádio enorme, movido à bateria de caminhão. Era noite de lua cheia e seria turvo, escuro de meter o dedo no olho, se não fosse a claridade do luar prateado, que iluminava a rua como se fosse o dia. Foi numa dessas noites que ouvi a bela e encantadora história A Rolinha e a Raposa, contada pelo Seu João Batista, com a sua voz que imitava os sons onomatopaicos do canto dos pássaros, protagonistas da história como a Rolinha, o Cancão e o Bem-te-vi. Meninos e meninas estávamos ali, sentados em círculo, no “lajeiro” ou lajedo, encantados pela magia das narrativas contadas por pessoas negras e descendentes de indígenas. Anos depois, contei essas histórias para os meus filhos Irapuá e Egbara e meus sobrinhos. Agora, leitor amigo, compartilho esta bela, encantadora e mágica história com todos vocês.

ElioFerreira

Fonte: Acervo Pessoal



Fonte: Acervo pessoal

O que é que você tem,
Camarada Rolinha? Por que
você está chorando tanto
assim?
Até me dá vontade de chorar!



Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal